

Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto

*Maria Chaves Jardim**

*Renata Medeiros Paoliello***

Resumo:

O artigo trata das desigualdades e hierarquias existentes no mercado do amor a partir do estudo de um público específico, as mulheres pretas, quando buscamos identificar qual a mágica social (Bourdieu, 2004) que exclui essas mulheres do mercado do afeto. Em termos metodológicos, aplicamos questionários semiestruturados pelo *google forms* e aplicamos presencialmente o mesmo questionário em um bairro popular de uma cidade do interior paulista. Os dados indicam o racismo como a mágica social que cria barreira no mercado do afeto; indica, também, que as tomadas de posição afetiva dessas mulheres não se encaixam em nenhuma das quatro abordagens catalogadas por nós sobre o amor (amor líquido, amor romântico, poliamor, amor confluyente), chamando atenção para novas teorias que possam dar conta da vivência afetiva dessa população. Palavras-chave: Amor. Afetividade de mulheres pretas. Racismo. Mercado de casamento.

*UNESP –Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara. Araraquara –SP –Brasil. 14800-901. E-mail: maria.jardim@unesp.br. <https://orcid.org/0000-0001-5715-1430>

** UNESP –Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara. Araraquara –SP –Brasil. 14800-901. E-mail: re-luz8@uol.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-0640-276X>

Abandonment, loneliness and giving up on love: racism as an excluding element of black women in the affection market

Abstract:

The article deals with the inequalities and hierarchies existing in the love market from the study of a specific audience, black women, when we seek to identify the social magic (Bourdieu, 2004) that excludes these women from the affection market. In methodological terms, we applied semi-structured questionnaires using google form and we applied the same questionnaire in person in a popular neighborhood of a city in the interior of São Paulo. The data indicate racism as the social magic that creates barriers in the affection market; It also indicates that the affective positions taken by these women do not fit into any of the four existing approaches to love (liquid love, romantic love, polyamory, confluent love), drawing attention to theories that may account for this population.

Keywords: love; affectivity of black women; racism; wedding market.

Abandono, soledad y abandono del amor: el racismo como elemento excluyente de las mujeres negras en el mercado del afecto

Resumen:

El artículo aborda las desigualdades y jerarquías existentes en el mercado del amor a partir del estudio de un público específico, las mujeres negras, cuando buscamos identificar qué magia social (Bourdieu, 2004) excluye a estas mujeres del mercado del afecto. En términos metodológicos, aplicamos cuestionarios semiestructurados por formularios de google y aplicamos el mismo cuestionario en persona en un barrio popular de una ciudad en el interior de São Paulo. Los datos indican el racismo como la magia social que crea barrera en el mercado del afecto; también indica que las posiciones afectivas de estas mujeres no encajan en ninguno de los cuatro enfoques catalogados por

nosotros sobre el amor (amor líquido, amor romántico, poliamor, amor confluyente), llamando la atención sobre nuevas teorías que pueden dar cuenta de la experiencia afectiva de esta población.

Palabras clave: Amor. Afecto de las mujeres negras. Racismo. Mercado de bodas.

Introdução

O amor é parte da sociabilidade humana desde sempre. Na Grécia antiga, Platão já entoava discussões acaloradas sobre o amor e a literatura também deu destaque a esse sentimento ou emoção, sendo “Tristão e Isolda” e “Romeu e Julieta” dois exemplos clássicos. Na literatura infanto-juvenil o amor tem destaque nos contos de fada, sempre com final feliz entre príncipes e princesas e foi popularizado no cinema hollywoodiano, que, aliás, ajudou a consolidar o estilo narrativo de amor romântico (Rossi, 2013). As novelas brasileiras também popularizaram uma narrativa romântica sobre o amor (Souza, 2020) e colocam o amor como a missão última de vida (Jardim, 2019).

Apesar de já presente nos clássicos da sociologia – tanto o amor Eros (afetivo-sexual), que estava nos clássicos alemães, como os amores Ágape e Philia¹, presentes junto aos clássicos franceses (Jardim e Souza, no prelo), somente na década de 1970 o amor começou a ser sistematicamente estudado pelas ciências sociais². Além das ciências sociais e da psicologia, o amor é objeto

¹ Em texto de 2006, Vandenberghé define a tipologia de amor existente na filosofia grega: ágape, eros e philia. Na ocasião, o autor cria um quarto tipo, que seria o amor Interesse.

² Com forte inspiração em Freud, a psicologia se adiantou na discussão. De acordo com Sternberg (1997), Reik (1944) construiu uma primeira teoria sobre o amor nos anos 1940 com forte influência da psicanálise freudiana. As ciências sociais passaram a produzir nos anos 1990 sobre o tema, sendo leituras obrigatórias desse momento: Niklas Luhmann, “O Amor como Paixão” (1991), Giddens, “A transformação da intimidade” (1993), Pierre Bourdieu, “A dominação masculina” (2019) e o casal Beck, “O caos normal do amor: novas formas de relacionamento” (2001).

de discussão na neurociência, o que demonstra a interdisciplinaridade do tema (Raquel, 2021).

Diante da importância do estudo do amor de forma científica, temos investido esforços na investigação do tema, revelando-o como uma construção social (Jardim, 2017, 2019, 2021, no prelo); e reivindicando que o amor seja consolidado como tema de estudos nas ciências sociais (Jardim, 2017; Jardim, Rossi, 2021).

Nesse contexto, destacamos o artigo de 2017 (Jardim; Moura), quando estudamos o mercado do amor em dois aplicativos para relacionamento afetivo, sinalizando a desigualdade existente nesse mercado, já que mulheres fora dos padrões estéticos possuem menos escolhas (e muitas vezes não possuem nenhuma escolha) em contraponto às mulheres dentro dos padrões estéticos como as brancas, magras e de cabelos lisos. Na ocasião, questionamos a tese de Illouz (2011), sobre a abundância de afeto nos aplicativos, uma vez que nossa imersão no campo teria indicado que esse afeto não é distribuído de forma igualitária para todos os consumidores de afeto do mercado, ou seja, independentemente da cor de pele, textura do cabelo, peso e nível de escolaridade, por exemplo. Concluímos, na ocasião, que não existia amor à primeira vista e muito menos livre mercado do amor, já que esse estaria sustentado e sustentando valores do senso comum, os quais criariam barreiras aos consumidores desse mercado.

No artigo que ora apresentamos, aprofundamos o argumento de que existem desigualdades e hierarquias no mercado do amor, a partir do estudo de um público específico, as mulheres pretas, quando buscamos identificar as barreiras que excluem essas mulheres desse mercado. Em outras palavras, queremos conhecer qual a mágica social (Bourdieu, 2004) que deixa mulheres pretas excluídas do mercado de casamento.

A originalidade do artigo é, portanto, debater dois temas pouco usuais na pesquisa sociológica, o amor e o amor das mulheres

pretas. Sobre o estudo da afetividade das mulheres pretas, Pacheco (2006, p. 154) afirma que “a questão racial já mereceu a atenção de diversos intelectuais, mas pouco se falou da afetividade do negro e mais ainda, cruzando as variáveis afeto, raça e gênero”. O mesmo argumento é compartilhado por Silva (2003) e Silva (2019) para quem a maioria de estudos sobre a raça no Brasil reconhece os efeitos contemporâneos do sistema colonial sobre a vida da população negra em matéria socioeconômica e política (Silva, 2019), mas que existe uma ausência de estudos que considerem a negação da liberdade da expressão das emoções dos povos negros, da sua subjetividade afetiva e da oportunidade de constituir e manter laços de família (Silva, 2003; Silva, 2019).

Além da ausência de discussão teórica sobre o tema, a definição de nosso recorte empírico efetivou-se quando tivemos acesso a alguns dados estatísticos sobre matrimônios nessa população. No que se refere a casamento, o IBGE de 2010³ mostrou - desmistificando a ideia de miscigenação no Brasil - que 70% dos casamentos no país ocorrem entre pessoas da mesma cor e que as mulheres pretas (à época, 7% da população) são as que menos se casam. Ainda segundo o IBGE de 2010, 52% da população feminina preta não vivia união estável, ou seja, era solteira, sendo que as mulheres pretas com mais de 50 anos estavam na categoria “celibato definitivo”, o que significa que nunca viveram um relacionamento estável. Lembramos que no IBGE de 1991, as mulheres brancas se casavam 11% mais que as mulheres negras (Petrucci, 1990).

O IPEA de 2013 mostrou, mais uma vez, que essas mulheres não possuem companheiro, quando pontua que 51,1 % dos lares brasileiros são chefiados por mulheres pretas. O protagonismo

³ O tema nupcialidade foi pesquisado no censo do IBGE de 2010, quando foi perguntado às pessoas sobre seu estado civil (se elas eram solteiras, casadas, separadas), sua idade, gênero e sua cor. Também se investigou se os casamentos eram feitos no civil, no religioso, etc.

da mulher preta já havia sido sublinhado por Florestan Fernandes, em 1978, quando o autor percebe que a mulher preta seria a base para a sustentação da família negra e que, mesmo sozinha, chefiava a família econômica e educacionalmente⁴.

Uma outra forma de perceber a afetividade de mulheres pretas é pelo número de mães solo. De acordo com os dados do IBGE de 2020, o Brasil tem **11,4 milhões de famílias formadas por mães solo**, sendo que a grande maioria delas é preta, ou seja, **7,4 milhões**⁵. Nessa mesma direção, o Mapa da Violência de 2015 demonstra que as principais vítimas de violência de gênero são as mulheres e as meninas pretas. Por fim, Carneiro (2017) informa que o levantamento na Secretaria Especial de Políticas para Mulheres para o ano de 2016 demonstra que 59,71% das mulheres que relataram casos de violência doméstica pelo Ligue 180 eram pretas.

Para entendermos o conjunto de dados apresentados acima, sobre as mulheres pretas, citamos Silva (2003, p. 01):

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial.

⁴ Apesar das críticas que Florestan Fernandes recebe dos especialistas raciais, por considerar a sociedade a partir da questão da classe social e não da raça, o debate racial também pode ser notado no autor.

⁵ Em nossas pesquisas em andamento sobre o mercado da reprodução assistida, temos encontrado um grande interesse pela maternidade solo e 99% das mulheres que procuram clínicas de reprodução assistida são brancas, o que também pode ajudar a entender o aumento de mães solo brancas na última década, conforme IBGE (2020).

Considerando esse contexto, o objetivo do artigo é identificar a mágica social (Bourdieu, 2004) que faz com que as mulheres pretas sejam excluídas do mercado do afeto e, mais, que entendam essa exclusão como fracasso individual e como um problema de foro íntimo, tornando-se muitas vezes cúmplices da dominação que lhes é aplicada, no sentido de “trabalharem” (sem saber e sem querer) para reforçá-la. No caso estudado, essa cumplicidade acontece quando as mulheres aceitam relacionamentos sem compromisso (amantes, ficantes, sexo casual), não por desejo ou por liberdade sexual, mas, ao contrário, como forma de fugir da solidão afetiva que lhes é imposta.

Entendemos mágica social a partir de Bourdieu (2004), para quem existiria um trabalho mágico e oculto no processo de interiorização de valores sociais, realizado em uma ação pedagógica poderosa, que conta com a cumplicidade de agentes e instituições, formando uma crença dóxica, ou seja, um pensamento legítimo que, de tão interiorizado no inconsciente social, é visto como natural. Esse valor “natural” seria reproduzido a partir de discursos e de práticas de agentes e instituições. Ainda como marco teórico, o texto dialoga com os achados empíricos da literatura que trata de amor e mulheres pretas, com destaque para Pacheco (2006, 2008, 2013) e Souza (2008), e, por fim, os dados empíricos da pesquisa são colocados em diálogo com as quatro abordagens catalogadas por nós sobre o amor: amor líquido, amor romântico, amor confluyente e poliamor.

Em termos metodológicos, fizemos uso de duas estratégias para coleta de dados: na primeira aplicamos questionários semiestruturados pelo *google forms*, o qual foi respondido por 45 mulheres pretas. Ao constatar que, dessas 45 mulheres, apenas cinco não possuíam diploma superior, aplicamos presencialmente o questionário em mulheres pretas sem diploma superior em um bairro popular, quando conseguimos 19 respostas, somando 64 questionários ao todo. O material foi tratado a partir da aná-

lise do discurso de Pierre Bourdieu (2011)⁶, no sentido de que, além de olharmos os discursos, atentamos para algumas variáveis do sujeito falante, como raça, idade, estado civil, ocupação/profissão, profissão do pai e da mãe, sustentando o discurso em uma trajetória social, uma vez que, para Bourdieu (2011), um discurso só pode ser entendido a partir da posição do agente social que discursa.

O texto está dividido da seguinte forma: além desta introdução e da conclusão, é composto por uma seção na qual revisamos como o tema “amor e questões raciais” tem aparecido nas ciências sociais; em seguida, mostramos as pesquisas inovadoras sobre casamento e raça dos anos 1980/1990; e, finalmente, apresentamos e analisamos os dados da nossa pesquisa empírica.

1. O amor e as questões raciais no Brasil

O estudo sobre o amor é algo novo nas ciências sociais. Relacionar amor, raça e gênero é ainda mais raro⁷. Em pesquisa no Scielo Brasil, não encontramos produção com a associação das seguintes palavras-chave: amor e mulher preta; amor e mulher negra; afetividade e mulher preta; afetividade e mulher negra. Em pesquisa ao banco de teses Capes, encontramos cinco resultados, sendo três da área das ciências sociais e dois da área da psicologia, como expomos a seguir.

No ano de 2008 foram defendidas duas pesquisas que influenciam sobremaneira os estudos sobre afetividade e mulher preta no Brasil. A primeira foi a reconhecida tese de doutoramento de Ana Claudia Lemos Pacheco, intitulada “Branca para casar, mu-

⁶ O texto de Pierre Bourdieu “Célibat et condition paysanne”, de 1962, também inspira nossas questões.

⁷ No primeiro capítulo do livro “Casa Grande e Senzala”, Gilberto Freyre não fala de amor, mas de sexo.

lata para foder, negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia”, defendida na Unicamp.

A pesquisa foi realizada com mulheres pretas em Salvador, na Bahia, a partir de dois grupos empíricos: o primeiro composto por cinco mulheres negras ativistas políticas; e o segundo formado por cinco mulheres não ativistas. Seus dados apontam que os corpos femininos são construídos historicamente e que o ato de amar não estaria isento das hierarquias sociais impostas às mulheres, sobretudo às mulheres pretas. As relações de dominação, portanto, determinariam as escolhas afetivas, quando as mulheres negras ficariam em desvantagem. Seus resultados indicam que há um excedente de mulheres negras solitárias, isto é, sem parceiros afetivos fixos e sem relações afetivo-sexuais estáveis, quando comparados com mulheres brancas.

Dois anos antes da defesa da tese, em 2006, Pacheco havia escrito um artigo seminal sobre o tema, “Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras: um diálogo com o tema”, no qual retoma as teorias raciais existente no Brasil e conclui que a miscigenação vem sendo realizada mais pela preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas ou mulheres de pele clara, do que de mulheres negras por homens brancos; que as mulheres negras são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens brancos e também pelos negros, perdendo na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; como resultante dessa disputa haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem relacionamento afetivo. A autora aponta, ainda, que as negras perfazem a maioria (mais de 50%) entre as mulheres solteiras, viúvas e separadas

É ainda da mesma autora o livro “Mulher Negra. Afetividade e Solidão”, de 2013. Nesse livro, Pacheco constata a existência de um processo histórico que desumaniza a mulher negra, posicio-

nando-a como um sujeito sem sentimentos, animalizada, hiperssexualizada, ou seja, um sujeito que não é digno de ser amado, nem de amar. Isso difere do que ocorre com a mulher branca ou socialmente embranquecida, associada ao padrão de beleza, o que eleva o *status* de quem se relaciona com ela. A autora defende, com base em pesquisa empírica, que não se pode dissociar as categorias gênero, raça e classe ao buscar entender a vida afetiva das mulheres negras.

A segunda pesquisa encontrada no banco de dados Capes é uma dissertação de mestrado, “A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo”, defendida na PUC de São Paulo, em 2008, de Claudete Alves da Silva Souza.

Essa dissertação - que é recorrentemente citada e indicada para leitura pelas militantes negras das redes sociais - tem como argumento que *as histórias das mulheres negras são permeadas pela solidão e por sucessivos revezes nas lutas de resistência contra as políticas de dominação escravagista, de segregação e exclusão social e de assunção unilateral de responsabilidades familiares. Portanto, a lógica da sociedade patriarcal e escravista parece ter delineado seus contornos com a apropriação do corpo da mulher escrava e da exploração sexual do seu corpo (Souza, 2008)*⁸. A autora nos lembra que na época da escravidão não

⁸ Visando relativizar um pouco as afirmações - de que as mulheres escravizadas aparecem apenas na exploração sexual de seus corpos - lembramos que há toda uma produção em história social, desencadeada por Robert Slenes, que fala das famílias escravizadas no contexto da grande propriedade e indica outros papéis a essas mulheres. Também tem os contos de Machado de Assis e os relatos de suicídio e infanticídio de mulheres negras, como no romance *Beloved* de Tony Morrison. E muitos casos de famílias escravizadas, envolvendo ou não filhos ilegítimos do senhor, recebendo herança em terras e alforriadas, ou de sitiantes nas bordas da grande propriedade, tudo isso, e outras modalidades mais, constituindo “terras de pretos”, hoje reconhecíveis como remanescentes de quilombos. Portanto, apesar de Souza (2008) ter razão, a mulher preta aparece em outras abordagens na literatura, para além da questão da sexualidade.

era dado a essa mulher o direito de ter a própria família (Souza, 2008)⁹.

O argumento que motiva Souza (2008) é que a solidão afetiva da mulher preta tem origem na estrutura familiar; nesse sentido, quer entender o que as mulheres negras solteiras têm em comum. Os resultados da pesquisa indicam que as mulheres entrevistadas já nasceram e cresceram com o racismo e o sexismo como sistemas cruzados de opressão. Muitas das mulheres entrevistadas para a pesquisa nunca vivenciaram relacionamentos fixos, duradouros e saudáveis. A mulher negra, para Souza (2008), além de sozinha, é a maior vítima da violência doméstica. A mesma autora argumenta que as mulheres pretas têm o papel de provedoras do lar e da sobrevivência de seus dependentes, uma vez que as famílias são formadas por mães solo e pais desconhecidos. Seu argumento, do ano de 2008, está de acordo com os dados do IBGE de 2013, os quais mostram que 51,1% dos lares são chefiados por mulheres pretas.

Dez anos depois dessas duas primeiras iniciativas seminais, temos a dissertação de mestrado de Amanda Raquel da Silva intitulada “A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN” (UFRN), de 2019.

A pesquisa, de cunho antropológico, de Silva (2019) foi realizada com mulheres negras residentes em um bairro periférico de

⁹ Para aprofundamento dessa tese ver Sonia Maria Giacomini (1988), autora que trata das tensões relativas ao papel social e sexual da mulher negra escravizada no Brasil e argumenta que a vida privada ou vida familiar se apresentam como contradição na vida da mulher negra, por carregar a condição de “coisa” imposta aos negros naquele período, pois a constituição da família era inacessível a quem não possuía nem a si próprio. Nas suas pesquisas, a autora percebe que a expressão “família escrava” não aparece, mas, sim, expressões como “filhos de escrava” ou “mãe de escravo”, portanto, nada que remetesse à noção de família, que é veiculada somente sobre a relação da mãe e seus filhos, que ao menos se fazia presente pela necessidade fisiológica dos filhos com relação às mães no início de suas vidas. Todavia, com respeito a pais e irmãos, nada era citado, sendo a questão da paternidade inexistente. Mesmo quando relatada, a maternidade aparece no sentido de negação, retratando o afastamento dos filhos.

Natal, Rio Grande do Norte, na faixa etária entre os 50 e 75 anos de idade. Com base em sua vivência com essas mulheres e com forte inspiração em bell hooks (2000), Silva (2019) defende que a escravidão levaria os negros a não se envolverem emocionalmente, evitando sofrimentos com uma possível separação. Nesse sentido, esconder emoções e mascarar sentimentos passaram a fazer parte de uma aparente personalidade forte para as pessoas de origem negra e, por outro lado, de uma postura segundo a qual mostrar os sentimentos teria se tornado uma bobagem. Essa forma de lidar com as emoções teria se mantido, após o fim da escravidão no Brasil, quando essas pessoas passaram a manter o controle das emoções e o afastamento do amor, que passou a ser vivido de forma pragmática, portanto além do amor romântico, “afinal, como alimentar afeto por outras pessoas em contextos nos quais era impossível prever se estariam ou não juntos?”, questiona Silva (2019, p. 35).

Na área da psicologia social, encontramos duas contribuições: uma de 2018 e outra de 2020. A primeira, “A cor do amor: o racismo nas vivências amorosas de mulheres negras”, defendida na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, por Eliana Gamas Fernandes. Com base em pesquisa empírica, a autora demonstra que os esforços das mulheres negras para se encaixarem nos padrões de brancura são evidenciados por meio dos relatos sobre alisamento e tintura dos cabelos, isto é, todas as participantes da pesquisa afirmaram ter passado por embranquecimento estético para ter alguma visibilidade afetiva (Fernandes, 2018).

A segunda pesquisa, de 2020, de Hênio dos Santos Rodrigues, intitulada “**Racismo sexual, despersonificação e preterimento da mulher negra: o amor tem cor?**”, defendida na Universidade Federal de Sergipe, argumenta que no “mercado dos afetos” do Brasil existe uma seletividade conjugal, e o dito “paraíso racial” se transforma em inferno para aqueles que não estão dentro da lógica eurocêntrica que norteia as relações amorosas.

Nesse contexto, mulheres pretas estariam excluídas do mercado de casamento.

Em artigo sobre a solidão da mulher preta, as pesquisadoras da área da psicologia Mizael, Barrozo e Hunziker (2021) realizaram uma revisão bibliográfica com as palavras “solidão da mulher negra/preta” e “rejeição da mulher negra/preta”, não apenas no banco de dados Capes, mas também no google acadêmico e encontraram um total de oito pesquisas, sendo que, nessas, a solidão da mulher negra foi relacionada principalmente à falta de um parceiro, ao abandono parental e/ou do próprio parceiro e ao preterimento afetivo-sexual. Isso quer dizer que, se ampliássemos nossa pesquisa para a palavra solidão/rejeição da mulher preta/negra, teríamos uma maior produção. Apesar dessa discreta diferença, o que a nossa pesquisa bibliográfica, assim como a de Mizael, Barrozo e Hunziker (2021), mostra é que o estudo da afetividade das mulheres pretas está longe de se tornar uma agenda expressiva nas ciências sociais.

2. As primeiras iniciativas e os autores “clássicos” no tema

É muito comum, nas pesquisas identificadas no item anterior, a existência de referências aos estudos inaugurais sobre o mercado matrimonial dos anos 1980/1990, os quais alertam para o fato de que as mulheres negras seriam as mais rejeitadas no mercado conjugal (Berquó, 1987; Moreira, S. Sobrinho, 1994; Petruccelli, 1991). Contudo, se antecipando no debate, na década de 1970, Florestan Fernandes (1978) já havia pontuado que o negro foi socialmente desestabilizado em todos os seus aspectos, inclusive afetivo-sexual. Para o autor, no plano sexual e afetivo, as mulheres negras sofreram a penúria, a humilhação e a infelicidade por ter relações amorosas transitórias, não estáveis. As suas experiências afetivas com homens negros e brancos seriam frutos da desorganização social do “meio negro”. Assim, prostituição, alcoolismo, poligamia e abandono seriam

fatores anômicos do modo de vida dessa parcela da população. Desse modo, o abandono e a solidão entre as mulheres negras seriam frutos dessa tensão social que as associa ao sexo, às relações efêmeras, ao “amor físico”, afastando-as dos projetos de vida “conjugal” e, do nosso ponto de vista, do ideal de amor romântico, perseguido pelas mulheres brancas.

Sobre as referenciadas pesquisas dos anos 1980, destaque para o artigo “Nupcialidade da população negra no Brasil”, de Berquó (1987), que inaugurou essa agenda de pesquisa, quando a autora analisou os censos dos anos 1960 a 1980 e constatou que, em comparação com as mulheres brancas, as mulheres negras eram as que menos se casavam e constituíam o maior número de solteiras, viúvas e separadas; apontou, ainda, que as mulheres negras se casam em idade mais avançada que as mulheres brancas, além de também fazerem parte da categoria mais propensa ao “celibato definitivo”, ou seja, daquelas que nunca tiveram um relacionamento afetivo (Berquó, 1987). Nessa direção, destaque também para a pesquisa de Petrucelli (2001), que fez uso dos dados do IBGE de 1991 para estudar o mercado de casamento e demonstrou que as mulheres brancas se casavam 11% mais que as mulheres negras.

Na mesma direção, Silva (1987) demonstrou, em “Distância Social e Casamento Inter-racial no Brasil”, o maior número de mulheres negras solteiras e a grande ocorrência de casamentos em que a mulher é mais clara que o marido, ou seja, o casamento do homem preto com a mulher branca, o que criaria uma defasagem no mercado de casamento para as mulheres pretas, por um duplo movimento: primeiro os homens brancos preferem as mulheres brancas; segundo, as mulheres brancas não escolhidas por homens brancos passam a concorrer por homens pretos no mercado marital, reduzindo as chances de casamento das mulheres pretas, que competem em desigualdades, pois os homens pretos também teriam incorporado o padrão estético vigente como padrão legítimo, ou seja, o padrão da mulher branca. Para

Oliveira (2019), diferente da mulher preta, o homem preto, apesar de carregar os estereótipos negativos, consegue se inserir mais facilmente no mercado de casamento. Devido ao excedente de mulheres brancas e à imagem atrelada ao homem viril, eles demoram mais a ficarem sozinhos e conseguem se relacionar mesmo após determinada idade.

Uma outra forma de entender o interesse do homem negro pela mulher branca está em Fanon (2008), para quem a escravidão promove no negro o ódio por si mesmo, levando-o a se aproximar do ideal branco, visto como superior. Sobre isso, em “Tornar-se negro” (1982), Neusa Santos defende que o emocional dos negros é abalado pelas ideologias dominantes e que, para sua ascensão social, os homens pretos tendem a se aproximar do ideal dominante branco nos relacionamentos, procurando mulheres brancas para o casamento. Isso faz com que os homens pretos sejam mais propensos ao movimento de clareamento do que as mulheres pretas.

Outra recorrência nos estudos sobre o tema é a citação da autora bell hooks¹⁰ (2000), escritora feminista e militante das questões raciais nos Estados Unidos. Por fundamentar não apenas as pesquisas acadêmicas no tema, mas a militância feminista negra nas redes sociais, colocaremos em tela seus principais argumentos.

Para bell hooks (2000), a opressão sofrida pelos negros durante a escravidão, somada à exploração, criou condições emocionalmente difíceis para eles, comprometendo negativamente sua subjetividade e a capacidade de amar. Portanto, o amor, que, em princípio, seria espontâneo, passou por uma distorção e se tornou um ato de resistência para essa população.

¹⁰ É o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é grafado em letras minúsculas, bell hooks.

Em seus argumentos, hooks (2000) acrescenta que os negros dos Estados Unidos estabeleceram relações afetivas com base na brutalidade, reproduzindo suas vivências durante a escravidão. É como se houvesse um inconsciente social, baseado na violência, fundamentando a forma de se relacionar com o amor.

No Brasil, esse argumento aparece em Florestan Fernandes, no livro “Integração do Negro na Sociedade de Classe”, de 1978, quando o autor afirma que, completamente excluídos e discriminados, os homens negros viam no ato sexual a única atividade prazerosa que podiam praticar durante o dia, já que o trabalho honesto estava bloqueado a muitos deles; e o ato sexual não vinha acompanhado de afeto e muito menos de compromisso com os filhos oriundos dessas relações sexuais sem vínculo afetivo.

Segundo bell hooks (2000), a população negra passou a reprimir toda e qualquer forma de afeto como estratégia de sobrevivência, uma vez que o racismo a levou a ter no ódio uma referência de afeto. Esse argumento é compartilhado por Fanon (2008), que afirma que o racismo é capaz de produzir no sujeito negro um sentimento de ódio a si e à sua negrura. No caso das mulheres pretas, que eram obrigadas a se deitar com seus donos, Gonzalez (1988) afirma que o amor, para a mulher escravizada, era um verdadeiro pesadelo.

Em suma, pesquisas acadêmicas abordam o mascaramento das emoções pelos escravizados. Por exemplo, Florestan Fernandes (1978), Giacomini (1988) e Davis (2016) demonstram que a expressão de sentimentos, seja dor, sofrimento, tristeza, alegria, paixão, animação, podia acarretar ainda mais punições no período da escravidão, motivo pelo que os escravizados passaram a ocultar suas emoções, fossem elas boas, fossem ruins.

A revisão bibliográfica desse item nos permite concluir que, após mais de 100 anos do fim da escravidão no Brasil, estaria no inconsciente social dos povos negros uma relação na qual o

amor é visto como necessidade complementar e a sobrevivência material como necessidade primária. Portanto, concordando com Florestan Fernandes (1978) e bell hooks (2000), afirmamos que, mesmo com a abolição da escravatura, os negros não ficaram imediatamente livres para amar, por pelo menos dois motivos: o primeiro, a dificuldade em lidar com as emoções, especialmente a expressão do amor; o segundo a existência do racismo na sociedade, que limita a entrada e o movimento dos negros no mercado do amor e do casamento, especialmente para as mulheres pretas.

3. Amor das mulheres pretas: contato com o mundo social

Para coletar dados sobre o afeto das mulheres pretas, aplicamos um questionário pelo *google forms* intitulado “O amor como construção social: o caso das mulheres pretas”, que foi divulgado pelas redes sociais entre 14 e 25 de fevereiro de 2022 e para o qual houve 45 respostas¹¹. O questionário foi composto por 19 questões, com espaço para relatos sobre a vivência afetiva e sexual, assim como relatos sobre sucessos e fracassos afetivos. O que nos chamou atenção foi que, nessa primeira amostra, 40 mulheres tinham ensino superior.

Nesse sentido, para acessar mulheres pretas sem ensino superior, aplicamos o mesmo questionário de forma presencial em um bairro popular da cidade de São Carlos, estado de São Paulo, entre os dias 25 e 28 de fevereiro de 2022. A estratégia para aplicar o questionário foi bater de forma aleatória nas casas, acompanhadas por uma ex-aluna da Unesp de Araraquara, que é moradora desse bairro. Explicamos os objetivos da pesquisa e que gostaríamos de conversar com mulheres pretas acima de 18 anos. Na ocasião, fomos bem recebidas por mulheres que se

¹¹ Disponível em: <https://forms.gle/RbhBqcdATCp5qLXk6>

autodenominavam pretas e também por aquelas que, apesar de ter a cor da pele preta, não se identificaram como tal e não se interessaram em colaborar com a pesquisa. No total, obtivemos 19 retornos nessa empreitada. Portanto, o *corpus* empírico deste artigo é composto de 64 questionários, dos quais 24 foram respondidos por mulheres pretas sem ensino superior (19 na pesquisa presencial no bairro e seis na pesquisa pela internet) e 40 respondidos por mulheres pretas com ensino superior.

As mulheres que responderam ao *google forms* têm entre 22 e 60 anos de idade, são heterossexuais, solteiras, sem filhos; das 45 mulheres, apenas cinco não possuíam ensino superior. As mulheres sem ensino superior que responderam a esse questionário têm entre 20 e 46 anos, são heterossexuais, possuem mais de um filho, em alguns casos de pais diferentes, são separadas/solteiras e não possuem o ensino médio completo.

Os temas que mais apareceram nos dois grupos estudados foram: sofrimento ligado ao racismo na infância e na adolescência; casamento ou a falta dele e a relação com o fracasso afetivo; hiperssexualização da mulher preta; invisibilidade afetiva da mulher preta e relacionamentos abusivos. Abordaremos cada um deles a seguir, buscando construir uma narrativa da infância à fase adulta. Não definimos hierarquicamente qual o tema é mais importante, pois existe uma combinação deles nos depoimentos. Citaremos frases apenas para exemplificar e dar voz às mulheres, uma vez que o material coletado é denso e esses exemplos se repetem nos depoimentos.

3.1. Sofrimento ligado ao racismo: infância e adolescência

Todas as mulheres, sem exceção, relataram rejeição afetiva na infância e na adolescência, marcando sua subjetividade como uma mulher de pouco ou nenhum valor e de não merecimento de um final feliz amoroso. Em Jardim (2019), alguns desses argumentos também aparecem em mulheres brancas, mas defen-

demos que, quando em diálogo com o racismo, o sentimento de pouco valor e baixa autoestima é potencializado.

Sintetizamos uma amostra de depoimentos no quadro abaixo, apenas como ilustração, uma vez que o material empírico é denso e esses argumentos se repetem ao longo dos depoimentos. Nesse sentido, as frases selecionadas representam o todo.

Quadro 1: Racismo na infância e na adolescência.

“Desde a adolescência minha vida afetiva é muito travada. Nada acontece. Nem uma paquera. Acho que não mereço um amor” (28 anos, solteira, faxineira, segundo grau completo, 2 filhos, mãe faxineira e pai pedreiro).

“Uma vez, no segundo ano, eu tinha uns 8 anos, escrevi uma cartinha e coloquei no caderno do menino que eu gostava; quando ele viu a carta, mostrou para a professora e me apelidou de “cabelo pixaim”. Até esse dia eu não tinha me dado conta que eu era “diferente” dele; foi meu primeiro amor que me apresentou ao racismo” (33 anos, separada, caixa de supermercado, segundo grau incompleto, 2 filhos, mãe e pai são trabalhadores rurais na ativa).

“Na infância e adolescência, sempre me achei feia e também tinha o preterimento dos meninos, tanto negros como brancos” (36 anos, solteira. Nutricionista. Sem filhos. Mãe auxiliar de enfermagem e pai serviços gerais).

“Na adolescência eu não tive namorados, estudei numa escola de brancos apesar de pública; entre a transição do ensino para a faculdade nem pretendente eu tive (...)” (50 anos, solteira. Professora universitária. Sem filhos. Mãe do lar e pai funcionário público federal).

“Na adolescência eu era classificada como feia pelos meninos, e levei isso para mim por um bom tempo até entender o racismo por trás das escolhas e construção social do que é “gosto”” (41 anos. Professora, fez mestrado em Pedagogia na PUC de São Paulo. Sem filhos, mãe costureira e pai metalúrgico).

“Quando adolescente me achava feia, pois meu tipo de corpo, cabelo e cor não é desejado” (30 anos. Solteira. Psicóloga. Estudou Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria, sem filhos. Mãe empresária e pai pedreiro).

Fonte: dados da pesquisa

Todos os depoimentos pontuam a presença do racismo nas esferas de sociabilidade, desde a escola até a construção de relacionamentos afetivos e a vergonha sentida pela cor de pele.

Quando eu era criança e adolescente, tinha vergonha nas aulas de história quando a professora falava que os negros eram escravizados e humilhados. Eu abaixava a cabeça e ficava quieta, como tinha a pele parecida com a das imagens dos livros, algo me dizia que aquela história era minha, mas era uma história que me causava vergonha, eu ficava quieta e pensando, ‘tomara que ninguém perceba que eu sou parecida com os desenhos dos livros (30 anos, ficando com alguém comprometido, segundo grau completo, tem dois filhos, vendedora em uma loja do mercadão da cidade. Mãe faxineira e pai pedreiro).

Os depoimentos dialogam com a literatura que afirma que, devido aos padrões estéticos impostos pela sociedade brasileira, que valorizam a mulher branca e que são distribuídos pela televisão e cinema, a mulher preta aprende, desde criança, a não ver valor em seu corpo, cabelo e rosto, pois esses seriam “o oposto do padrão de beleza estipulado pela sociedade” (Silva, 2019). Para Gomes (2006), a beleza pode servir como marca distintiva e discriminatória e foi o que os depoimentos nos relataram.

Além disso, o racismo levou essas mulheres a pensarem que havia algo errado com elas, ou que eram más, uma vez que eram ignoradas pelos meninos e também porque tinham dificuldade em ter uma “melhor amiga”.

Quadro 2: Racismo e baixa autoestima

“Eu sempre achei que tinha algo errado comigo, que o problema era eu, só adulta fui me dar conta do racismo” (37 anos, faxineira, 8ª série, separada, quatro filhos, pais trabalhadores rurais aposentados).

“Na hora do recreio eu sempre ficava sozinha; mesmo oferecendo meu lanche eu não conseguia uma “melhor amiga”, muito menos um paquerinha. Eu achava que eu tinha algum problema, que eu era má, porque ninguém gostava de mim” (50 anos, separada, 3 filhos, trabalha em uma fábrica como metalúrgica, segundo grau completo, mãe faxineira e pai pedreiro).

Fonte: dados da pesquisa

3.1.2 A festa junina como espaço de racismo

A festa junina apareceu em todos os depoimentos como um momento especialmente difícil para essas mulheres na infância e na adolescência, por nem sempre conseguirem fazer um par para a quadrilha.

Quadro 3: Festa junina e racismo

“Na escola, alguns nem me cumprimentavam, nunca dancei nas festas juninas, pois não era escolhida” (36 anos, solteira. Nutricionista, sem filhos. Mãe auxiliar de enfermagem e pai serviços gerais).

“Eu era a única preta na minha sala de aula, pois eu cresci no interior do estado de São Paulo, em cidade colonizada pelos italianos. Apesar de ser uma das melhores alunas da turma, eu era sempre a última a ser escolhida para a festa junina. E era sempre o mesmo menino que também sobrava, que apesar de branco e filho de uma das professoras, era considerado feio para os padrões sociais (ele era branco, mas bem gordo)” (46 anos, solteira. Professora de uma universidade pública; doutora em pedagogia; Sem filhos. Mãe do lar e pai trabalhador rural aposentado).

Fonte: dados da pesquisa

Nos depoimentos, as mulheres citaram como o problema era contornado pelos professores, o que pode ter causado mais sofrimento. Abaixo uma ilustração desse tipo de argumento comum nos depoimentos:

Me lembro que na sétima série a professora contornou o problema me colocando para dançar com uma amiga, que também sobrou, não por falta de menino, mas porque também era negra. O problema é que uma de nós tinha que se vestir de menino e ninguém queria se fantasiar de menino no momento que queríamos aparecer bem arrumadas e bonitas para os mweninos da escola. Era muito humilhante porque expressava a falta de par. Até hoje eu detesto festa junina. (46 anos, separada, 2 filhos, caixa de supermercado, fez até 8ª série, mãe era faxineira e pai era pedreiro).

Esse primeiro bloco de discurso mostra que o racismo esteve presente desde a infância dessas mulheres, construindo um

marcador simbólico de pouco valor, que terá força excludente no momento das suas vivências afetivas.

3.1.3 A hiperssexualização da mulher preta versus o início tardio da vida sexual

As mulheres dos dois grupos relataram, também, que quando são abordadas por homens é apenas para convites sexuais e que isso limita a possibilidade de sonhar e fazer planos afetivamente. Os valores que essas mulheres exprimem em suas falas relativas à hiperssexualização são: 1) são vistas como objeto sexuais pelos homens, o que leva tanto a reconhecerem-se como 2) uma aventura, “a outra”, o que possivelmente as leva ao 3) início de uma vida sexual tardia. O quadro 4 sintetiza os argumentos referentes a serem vistas como objeto sexual.

Quadro 4: A mulher preta como objeto sexual

“(…) não sou vista como uma mulher a ser assumida, mas sim usada como desejo, fetiche sexual. Homens comprometidos sempre me olham com desejo e me sinto muito mal por isso” (36 anos, solteira. Nutricionista. Sem filhos. Mãe auxiliar de enfermagem e pai serviços gerais).

“Me sinto mal como mulher. Nenhum homem merece estar comigo. Não tenho valor. Ninguém me deu valor até hoje. Só me procuram por causa de meu corpo. Nunca elogiaram meu rosto, só o meu corpo e, depois que conseguem sexo, somem” (23 anos, desempregada, solteira, um filho, mãe faxineira, pai pedreiro).

“Nunca tive um relacionamento sério, embora quisesse. Os homens que me relacionei, com o tempo fui percebendo que só queriam sexo (...). Sou fora dos padrões impostos pela sociedade, mas me considero uma mulher apresentável” (22 anos, solteira, estudante de biblioteconomia em uma universidade pública, sem filhos. Mãe do lar e pai tesoureiro).

“Meu sonho era ter um parceiro, alguém para viajar, sair, enfrentar a falta de dinheiro, ficar em casa e rir. Mas homens só enxergam meu corpo para sexo. Por isso não penso mais em casamento. Eu gostaria de ter mais um filho, mas não sozinha” (43 anos. Separada, assistente administrativa. Ensino Médio Técnico Administrativo. Tem um filho. Mãe doméstica e pai agricultor).

Fonte: dados da pesquisa

A hiperssexualização do corpo da mulher preta também foi encontrada nas pesquisas de Gonzalez (1988), Pacheco (2008, 2013), Souza (2008) e Silva (2019). Segundo Oliveira e Santos (2018), na literatura brasileira a mulher preta foi relegada ao símbolo de hiperssexualizada, como os personagens de Jorge Amado, ou mesmo prostituída, como no livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. Ainda segundo as mesmas autoras, as novelas brasileiras seguem essa tendência, colocando a mulher preta como hiperssexualizada, o que nos faz lembrar a novela “A Cor do Pecado”, protagonizada por Taís Araújo na Rede Globo, em 2004, ou como a *mammy*, aquela que não tem um enredo próprio e cuida de todos. Nessa discussão, Gonzalez (1988) reforça que a mulher preta recebe dois enquadramentos da sociedade: a hiperssexualizada, a mulata que serve sexualmente, e a mãe preta, a mãe de todos, a que serve emocionalmente; portanto, em ambos os casos, sem identidade própria.

Nessa linha da hiperssexualização, as mulheres afirmaram que mesmo quando estão solteiros, os homens pedem para manter o relacionamento escondido, possivelmente para evitar o constrangimento de apresentar uma mulher fora dos padrões legítimos para a sociedade.

Quadro 5: A mulher preta como “a outra”, a amante

“Tenho dois filhos, os dois de relacionamento escondido. Eu nunca namorei, os homens me veem apenas como objeto sexual, o que me deixa muito triste” (28 anos, recepcionista em uma *lan house*. Dois filhos. Mãe faxineira e o pai desconhecido).

“Vários caras com quem sai pediu para ficar escondido, mesmo sendo solteiro, falavam que não estavam prontos para relacionamento sério. Eu sempre soube que eles não me amavam, mas fazia sexo por um pouco de afeto” (45 anos, cuidadora, solteira, segundo grau completo, 3 filhos. Mãe faxineira e pai pedreiro).

“Me envolvi com um homem indisponível com quem tive minha primeira vez. Ainda é muito doloroso lembrar da relação, pois é muito humilhante ser a segunda opção” (36 anos, solteira. Nutricionista, sem filhos. Mãe auxiliar de enfermagem e pai serviços gerais).

“Minha primeira relação sexual foi com um homem comprometido (...) Foi horrível, eu era uma virgem que estava à disposição. Me senti como uma oportunidade única que a pessoa não poderia perder” (43 anos. Solteira, assistente administrativa. Ensino Médio Técnico Administrativo. Um filho. Mãe doméstica e pai agricultor).

Fonte: dados da pesquisa

O trabalho de campo mostra que, apesar de conscientes de que não estão sendo assumidas, algumas mulheres declararam aceitar a situação e fazer sexo em troca de algum afeto. Também encontramos no trabalho de campo o desejo de andar de mãos dadas com o parceiro. “Meu sonho é ter um namorado para andar de mãos dadas, beijar publicamente. Não precisar ficar escondido” (35 anos, solteira, dois filhos, balconista, segundo grau completo. Mãe e pai trabalhadores rurais na ativa), expressando que o trivial para uma mulher branca se torna uma grande conquista para essas mulheres.

Diversas mulheres que relataram ter iniciado a vida sexual como amantes justificaram que não tiveram outra opção; ou era isso, o posto de amante, ou o celibato definitivo, conforme depoimento abaixo, de uma mulher de 50 anos, que iniciou a vida sexual aos 42 anos.

Quadro 6: Início tardio da vida sexual da mulher preta

“Comecei minha vida sexual aos 42 anos. Com estima muitas vezes baixa por não ser correspondida. Trabalhava num laboratório de prótese e algumas vezes recebia propostas para ser amante, mas não a esposa” (50 anos, casada, morando em casa separada devido ao trabalho de ambos. Professora universitária. Sem filhos. Mãe do lar e pai funcionário público federal).

“Até hoje não iniciei minha vida afetiva e sexual, por incrível que pareça, só beijei na boca duas vezes (...) na escola por exemplo, eu nunca fui olhada com outros olhos por ninguém, nunca mesmo (...) nunca tive a oportunidade de ter carinho e afeto em relação homem e mulher” (22 anos, auxiliar administrativa. Segundo grau técnico, sem filhos. Não informou ocupação/profissão dos pais).

“Demorei muito para ter vida sexual, os meninos não se sentiam atraídos por mim, meu ex me trocou por uma menina mais nova e branquinha” (30 anos, solteira, formada em Economia por uma universidade pública. Mãe doméstica e não conheceu o pai).

Fonte: dados da pesquisa

Tivemos muitos relatos de mulheres que iniciaram a vida sexual aos 20, 22, 25, 28 e 30. Se culturalmente temos o estereótipo da mulher preta como hipersexualizada, os dados empíricos apontam em uma direção contrária: mulheres sem vida sexual,

pois a iniciam tardiamente, após os 20 anos, 30 e até 42 anos. Segundo elas, não por falta de desejo ou vontade, mas por falta de um parceiro para iniciar a vida sexual¹².

Concluimos que o início da vida sexual aos 20, 30 e 40 anos foi mais comum no grupo de mulheres com diploma universitário, mas também encontramos depoimentos de mulheres sem diploma universitário que iniciaram a vida sexual na casa dos 20 anos, igualmente por falta de parceiro sexual.

3.1.4. Ausência de casamento e fracasso afetivo

No questionário foi perguntado às mulheres sobre a vida afetiva, planos, sonhos e se consideravam o conjunto da sua vida afetiva como de sucesso ou de fracasso. Os relatos pontuaram o fracasso afetivo, assim como a dor e o sofrimento pela ausência de um relacionamento.

¹² As pesquisas indicam que as mulheres estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo. Segundo o Mosaico Brasil”, realizado pelo Prosex (Programa de Estudos em Sexualidade), ligado à USP (Universidade de São Paulo), em 2008 a iniciação sexual acontecia na faixa etária dos 13 aos 17, com concentração maior aos 15 anos. “Para ter uma ideia de como o começo da vida sexual está ocorrendo mais cedo, as mulheres que estão hoje na casa dos 70 anos tiveram a primeira relação, em média, aos 22”, afirma a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Prosex. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2015/05/19/jovens-comecam-vida-sexual-cada-vez-mais-cedo-veja-como-agir.htm>. Contudo, esse dado fala da mulher em geral. Se olharmos para esse dado por meio da variável cor, é possível que nos surpreendamos com um outro número, ou seja, com o início da vida sexual mais tardiamente para mulheres pretas, como apontou a pesquisa que embasa este artigo, na qual a faixa etária para a primeira experiência sexual foi aos 22 anos. O início da vida sexual tardia ficou mais evidente em mulheres com diploma universitário.

Quadro 7: Fracasso afetivo e a dor pela ausência do casamento

“Tenho muitos vazios de relacionamento. Já fiquei quase dez anos sem namorar. Fiz alguns contatos por site de relacionamento, porém não avancei” (50 anos, solteira, assistente social, sem filhos. Mãe professora e pai técnico administrativo).

“Minha vida afetiva foi sempre complicada, pois minha autoestima baixa. Devido a todo padrão de beleza que é imposto, mesmo que hoje exista representatividade negra, ainda está longe do negro ser respeitado, imagina ser considerado bonito” (30 anos. Solteira. Sem filhos. Psicóloga. Mãe empresária e pai pedreiro).

“Não vejo um homem querendo ter algo sério comigo Nunca algum homem conversou comigo sobre isso” (26 anos, solteira, sem filhos. Funcionária pública. Ensino médio. Mãe funcionária pública federal e pai pintor).

Fonte: dados da pesquisa

4.1.5 Preterimento por homens pretos

Além da exclusão geral no mercado do afeto, algumas mulheres pontuaram o preterimento por homens pretos, o que dialoga com os achados empíricos de Souza (2008), quando a autora reforça que o homem preto prefere a mulher branca por questões de *status* ou de distinção.

Quadro 08: Preterimento dos homens pretos

“Minha vida afetiva é um fracasso total, sempre que me encanto por alguém, nunca é recíproco, inclusive sempre que me interesse por alguém, esse mesmo alguém “fica” com uma amiga minha (branca). Inclusive esta semana ocorreu algo do tipo, eu há algum tempo tinha interesse em um menino, só que ele sempre foi muito reservado, ele não gostava de se relacionar com pessoas do serviço, etc., indiquei uma amiga minha (branca) para entrar no serviço e trabalhar comigo, e adivinha? Já sabe né...” (22 anos, auxiliar administrativa, fez curso técnico. Sem filhos. Não declarou a profissão/ocupação dos pais).

“Considero minha vida afetiva de muito fracasso, não só por nunca ter tido um relacionamento sério, mas já vivenciar uma situação em que ficava com um homem negro retinto, estava tudo bem e de repente disse que não poderia estar comigo, pois estava entrando em um relacionamento. A menina era branca. Anos depois consegui entender sobre isso e refletir que talvez nunca tenha sido assumida por ser preta” (22 anos, estudante de biblioteconomia, sem filhos. Mãe do lar e pai tesoureiro).

“Por muito tempo pensei que era um fracasso por não ter me casado, mas hoje que entendo a estrutura por trás disso vejo que passei por algumas experiências tristes ligadas ao racismo, mas mesmo com homens pretos é difícil escapar do machismo. Hoje penso muito antes de me relacionar, ser heterossexual e preta traz essa intersecção de opressões” (41 anos. Professora, solteira, sem filhos. Tem mestrado em Pedagogia na PUC São Paulo. Mãe costureira e pai metalúrgico).

Fonte: dados da pesquisa

Outro dado que nos chamou atenção nessas respostas foi o desânimo afetivo de mulheres muito jovens, ainda na casa dos 20 anos, como no exemplo a seguir: “Sonho? Depois de tudo que aconteceu na minha vida, da minha falta de esperança, tudo que eu vejo e ouço ainda hoje, não tenho mais sonho nenhum” (22 anos, auxiliar administrativa, ensino técnico, sem filhos. Não informou sobre a profissão/ocupação dos pais).

Esse item nos faz perceber que o desejo de relacionamento estável, de conquistar um casamento, de andar de mãos dadas com o parceiro e de alguma forma vivenciar o amor romântico, apareceu no trabalho de campo como parte dos interesses das mulheres pretas de ambos os grupos estudados. Esse dado não é uma novidade, pois, em 1981, Angela Davis já tinha afirmado, em “Mulheres, raça e classe” (2016), que as mulheres negras possuíam as mesmas aspirações domésticas e de casamento que as mulheres brancas, mas que elas não se realizavam devido aos resquícios do regime escravocrata.

Sobre o interesse das mulheres pretas por casamento, família e filhos, Pacheco (2013) mostra que, enquanto o movimento feminista branco reivindica a igualdade no casamento, o movimento feminismo preto denuncia, entre outras questões, a solidão e a ausência de relacionamentos estáveis nessa população. Portanto, enquanto as mulheres brancas querem o fim da exploração no casamento, as mulheres pretas querem apenas o direito de serem afetivamente vistas e terem relacionamentos com compromisso.

3.1.5 Relacionamento abusivo

A presença de relacionamento abusivo também foi uma constante nos depoimentos.

Quadro 9: Relacionamento abusivo

“Tenho dificuldades de me relacionar, normalmente são relações pesadas e com ciúmes” (39 anos, divorciada. Com três filhos. Autônoma. Tem nível superior. Mãe costureira e pai empresário).

“Me relacionei somente com um companheiro por 18 anos, numa relação abusiva regada a muito machismo. Considero como uma experiência extremamente dolorosa onde hoje tento resignificar todos os dias após o rompimento” (40 anos, divorciada, assistente social. Sem filhos. Mãe pedagoga e pai mecânico).

“Tive 2 relacionamentos longos que foram extremamente abusivos, apanhei, fui humilhada. E hoje estou em um relacionamento e estou tentando não pensar que será mais um fracasso” (29 anos, desempregada, tem ensino médio, solteira, não tem filhos. Mãe e pai professores no ensino médio).

“Todos meus relacionamentos afetivos foram baseados no abuso psicológico, mas só consegui ver o abuso psicológico e as humilhações quando estes vieram acompanhados de violência física” (44 anos, separada, quatro filhos, segundo grau incompleto, faxineira. Mãe empregada doméstica e pai pedreiro).

“Me relacionei com homens alcoólatras e até usuários de droga para não ficar sozinha” (29 anos, solteira, vigia em um banco, segundo grau completo. Mãe do lar e pai mecânico).

Fonte: dados da pesquisa

O material coletado mostrou, ainda, o estranhamento de algumas mulheres em relação a seu isolamento afetivo: “Fico sim intrigada com o fato de me achar bonita, gente boa e mesmo assim estar sempre sozinha” (28, solteira, sem filhos, assistente administrativa. Estudou Direito. Mãe professora e pai não declarou).

Apesar desse estranhamento, o material empírico reforça uma tomada de consciência dessas mulheres sobre o racismo como elemento excludente no mercado do amor, o que fica evidente no grande interesse das mulheres em participarem da pesquisa e usarem o espaço como um desabafo.

4. A vivência afetiva de mulheres pretas: caminhos analíticos

Nossa revisão da bibliografia sobre o amor nas ciências sociais tem indicado que existem pelo menos quatro abordagens influentes na literatura sobre o tema: a primeira, que defende o

fim do amor romântico e a consolidação do amor líquido; a segunda, que defende o enfraquecimento do amor romântico e o surgimento do amor confluyente; a terceira, que reivindica uma nova forma de amor, o poliamor; e a quarta, que defende a manutenção do amor romântico como *doxa* romântica, apesar da aguda individualização na sociedade contemporânea.

No que se refere à primeira abordagem, essa é inspirada nos estudos de Bauman (2004), o qual defende que seguindo a lógica de consumo exacerbado do capitalismo neoliberal, as relações afetivas também estariam no mesmo fluxo, de consumo rápido e efêmero e baseado em laços líquidos. Nesse sentido, os relacionamentos duradouros, aqueles pressupostos pelo amor romântico, tornar-se-iam uma nova forma de opressão e de sofrimento, quando os amantes buscariam quantidade e não qualidade. Isso garantiria maior efemeridade nas relações, em diálogo com a liquidez do modelo econômico neoliberal, do conceito de família e de outras instituições, como o Estado. Essa abordagem recebe atenção de Illouz (2011), autora que tem defendido, por meio de pesquisa em sites de relacionamentos nos Estados Unidos, a existência de uma abundância afetiva no mercado do amor (Illouz, 2011), a qual permitiria maior liquidez e efemeridade nas relações

Na segunda abordagem, Giddens (1993) defende que o movimento feminista teria enfraquecido o amor romântico, uma vez que a mulher, sua maior clientela, teria se emancipado de forma a dar menor importância ao casamento e à maternidade, temas clássicos dessa modalidade de amor. O autor defende a possibilidade do amor confluyente, no qual se busca o “relacionamento especial” e não a “pessoa especial”. Esse tipo de relacionamento seria pautado pelo respeito e igualdade, portanto, excluindo os papéis rígidos mais presentes no amor romântico. Como o amor confluyente dura o tempo que tiver que durar, o “até que a morte os separe”, típico do amor romântico, teria caído em desuso.

A abordagem sobre a consolidação do poliamor, que no Brasil é representada nas produções de Pilão e Goldenberg (2012), defende a busca do poliamor como negação aos ideais monogâmicos que trazem consigo a posse e o ciúme. Para as autoras, o movimento feminista teria retirado de cena os ideais do amor romântico, e teria aberto possibilidades para relacionamentos baseados em vários amores, o poliamor.

No que se refere à quarta abordagem, os autores se inspiram em diversas escolas sociológicas, tais como em Bourdieu (2019), no livro “A Dominação Masculina”, no qual o autor mostra o papel da cultura androcêntrica como relação de poder, inclusive nas relações afetivas, por meio do amor romântico, considerado por ele a *doxa* afetiva. Nessa linha, Jardim (2017, 2019, 2021) tem defendido que, a despeito de uma aparente liquidez do amor, as pesquisas etnográficas têm apontado o fortalecimento do amor romântico na contemporaneidade, uma vez que os apaixonados buscam laços fortes por meio do casamento e da construção de famílias. Em suas pesquisas, Jardim tem frisado que o amor aparece como uma última missão de vida (Jardim, 2019, 2020, 2021), expresso nas novelas brasileiras (Souza, 2020), no cinema hollywoodiano (Rossi, 2013), e se tornando o maior sentido da vida na contemporaneidade (Martuccelli, 2016).

O material empírico analisado neste artigo traz novos elementos para o debate, uma vez que as mulheres pretas não se enquadram em nenhuma dessas quatro abordagens apresentadas acima. Nossos dados falam de barreiras sociais que impedem o acesso dessas mulheres ao mercado do afeto, portanto situando-se aquém do consumo do poliamor, do amor romântico ou do amor confluyente. No que se refere ao amor líquido, as mulheres até o consomem, mas não por liberdade sexual ou desejo, e sim por falta de opção.

Essas barreiras sociais – o racismo e seus correlatos – estariam agindo no mercado matrimonial, criando hierarquias, desigual-

dades e exclusões. Por dar um tom natural àquilo que é construído socialmente, o racismo aparece como um tipo de mágica social, no sentido da sua eficácia simbólica para a manutenção e a reprodução da ordem social, na maioria das vezes contando com a cumplicidade daqueles a quem domina. Em nossa pesquisa, essa cumplicidade aparece no conjunto dos depoimentos que reforça uma autoavaliação negativa sobre si e a aceitação, por essas mulheres, de relacionamentos ditos “proibidos” (como amantes, ficantes, encontros casuais). Ao aceitarem essa situação, justificada pelo desejo de terem um pouco de afeto (não por liberdade sexual), essas mulheres ajudam a reforçar o mito de hiperssexualizadas, de “mulheres fáceis”, disponíveis sexualmente, e de serem desinteressadas em casamento, que ficaria, portanto, para as mulheres brancas. Contudo, apesar dessa tomada de posição – que em um olhar mais macrosociológico poderia ser confundida com liberdade sexual –, os dados da pesquisa de campo falam de mulheres cujo desejo é ter alguém para andar de mãos dadas na praça pública e assumir os compromissos domésticos (filhos, contas) com ela. Em Bourdieu (2004) a força da mágica social estaria em seu poder de eufemizar a realidade, ocultando dos engajados “a verdade” por trás dos fatos; neste caso, a verdade seria o racismo que dificulta a vida afetiva dessas mulheres, dando uma aparência de natural àquilo que é construído socialmente.

Após esta breve enunciação dos resultados da pesquisa, passamos a colocar nosso material empírico em contraste com as quatro abordagens catalogadas por nós sobre o amor nas ciências sociais.

Inicialmente descartamos as abordagens sobre poliamor e amor confluyente para pensar a afetividade das mulheres pretas. No que se refere à abordagem do poliamor, o material empírico fala do desejo de compromisso e de vínculos fortes por parte dessas mulheres, o que estaria em oposição ao poliamor, cujo relacionamento é pautado pela liberdade. Sobre o amor confluyente, que

pressupõe o ideal de amor com respeito e igualdade, não é possível aplicá-lo para o caso das mulheres pretas, uma vez que a reivindicação dessa população é, ainda, pela entrada no mercado do amor. Descartadas essas duas teorias, olharemos para os dados empíricos a partir da teoria do amor líquido e do amor romântico.

No que se refere ao amor líquido, todas as mulheres (com diploma universitário ou sem diploma universitário) se mostram humilhadas com convites para serem amantes, serem “a outra” ou “ficarem escondidas”. É consenso nos depoimentos o desânimo afetivo por não serem assumidas e pela ausência de compromisso dos homens com quem se relacionam. O amor líquido aparece, no limite, por falta de escolha: “Já fiz sexo para ter um pouco de afeto” (45 anos, cuidadora, solteira, segundo grau completo, 3 filhos. Mãe faxineira e pai pedreiro). Nesse sentido, não existe abundância afetiva para as mulheres pretas e muito menos o desejo de amor líquido. O que buscam não é a abundância ou a liquidez afetiva, mas laços fortes, expressos em compromissos e reciprocidade afetiva.

As mulheres com diploma universitário declararam dispensar relacionamentos casuais ou líquidos, recusando o papel de ficantes ou de amantes. Essa tomada de posição estaria em diálogo com os achados de Beatriz Nascimento, que em “A mulher negra e o amor” (1990) mostra que a dificuldade de relacionamento se aprofunda junto às mulheres que ascendem socialmente, já que essas passam a ter uma maior consciência sobre o mundo social e a recusar relacionamentos abusivos, e também não se enquadram nos padrões de objetivação do corpo. Em nossos dados, a presença do amor líquido é mais comum entre as mulheres sem diploma universitário, mas o sentimento de humilhação diante de convites para relacionamentos fortuitos é comum nos dois grupos e todas as mulheres declararam a preferência por relacionamento estável.

A humilhação das mulheres pretas diante de convites eróticos já tinha sido notada por Florestan Fernandes (1978), quando esse

autor afirmava que uma das consequências da escravidão foi a anomia da população negra, cujas mulheres seriam abandonadas pelos homens, que viam no sexo e nas relações efêmeras a única possibilidade com essas mulheres, afastando-as dos projetos de vida conjugal.

No que se refere ao mito do amor romântico, os dados empíricos indicam que a mulher preta estaria menos presa ao mito do amor romântico, que pressupõe uma romantização na vivência do amor, com casamento e filhos, além de uma rigidez nos papéis exercidos no relacionamento, sendo o homem mais próximo da ideia de príncipe (provedor) e a mulher da ideia de princesa (protegida).

Esse distanciamento do amor romântico e a aproximação de um tipo de amor, que estamos chamando provisoriamente de amor pragmático, seriam dados pela realidade social, uma vez que as mulheres relataram que, quando são abordadas por homens, é apenas para convites sexuais, o que limita a possibilidade de sonhar e de fazer planos afetivos. Isso, contudo, não retira a possibilidade de sonhos, mas sonhos mais triviais: “Meu sonho é ter um namorado para andar de mãos dadas, beijar publicamente. Não precisar ficar escondido”. Portanto, apesar do mundo social não apresentar muitas possibilidades para a efetivação do amor romântico, as mulheres desejam casar, ter filhos e uma família, sonhos típicos do amor romântico.

Nesse sentido, o amor pragmático aparece como uma forma de fugir da solidão e pode ser definido como relacionamentos casuais, sem compromissos. O amor pragmático não pode ser classificado como amor líquido, porque essas mulheres criam vínculos com esses homens com quem mantêm relacionamentos às escondidas, mesmo quando o homem está desimpedido. Portanto, para viver o amor, as mulheres abrem mão dos sonhos de casamento e da família, pois no amor pragmático não existem sonhos compartilhados.

Ainda sobre o distanciamento dessas mulheres do mito do amor romântico, as mulheres entrevistadas se autodefinem como “fortes” e têm a impressão que também são vistas como “fortes” pela sociedade, afastando-as ainda mais do mito do protetor e protegida. Elas declaram que não dependem de homens, que são autossuficientes. Apesar dos sonhos, elas fazem pouco ou nenhum plano afetivo e vivenciam o afeto de forma mais pragmática: “Só queria ser assumida e andar de mãos dadas”.

Essa forma pragmática de lidar com as emoções dialoga com os argumentos de Fernandes (1978), com bell hooks (2000), sobre a dificuldade que a população negra teria em lidar com as emoções, e com os achados de Silva (2019), que também aponta a vivência pragmática do amor pelas mulheres pretas analisadas por ela.

No que se refere às especificidades entre os dois grupos estudados, os dados destacam que as mulheres com diploma universitário relataram que não foram ensinadas a pensar no casamento, mas para vencer na vida pública e na carreira.

A maternidade também é algo mais distante para esse grupo de mulheres. É possível que a dedicação à carreira seja uma forma de eufemizar a ausência do amor e, apesar de se mostrarem frustradas pela falta de um amor, em muitos depoimentos as mulheres falam que estão sozinhas por opção ou porque não precisam de um homem. Contudo, a ausência de um amor e de filhos não passa sem sofrimento para essas mulheres.

Tenho uma carreira de muito sucesso e uma vida afetiva de fracasso; gasto um terço de meu salário, sem exagero, com tratamento psicológico. Tem uma equipe de psicólogos, terapeutas, benzedeiro (risos), tudo que você pensar para me ajudar a libertar das dores da rejeição, solidão e abandono trazida pelo racismo. Eu demorei a entender, mas o racismo é o traço que fundamentou todos meus demais traumas. (51 anos, professora universitária, sem filhos. Mãe manicure e pai mecânico).

Fui uma mulher que não valorizava relacionamento a dois, minha mãe sempre nos incentivou (eu e minhas irmãs principalmente) a estudar e ser independente de homem, principalmente no que tange a questões financeiras. Alcancei este objetivo. (60 anos, união estável. Sem filhos. Assistente social e psicóloga. Mãe dona de casa e pai militar).

Esses depoimentos estão em acordo com a revisão bibliográfica (Fernandes, 1978; hooks, 2000; Souza, 2008; Silva, 2019) que pontuou o amor como necessidade suplementar da população negra, uma vez que a sobrevivência material ou, como aparece no trabalho de campo “ser alguém na vida”, seria o projeto dessas mulheres, não o encontro de um amor.

Já as mulheres sem diploma universitário também se afastam do ideal de amor romântico, pois assumem (por falta de opção) a maternidade solo e tornam-se chefes de famílias. Mas a ausência da vida afetiva não é experimentada sem sofrimento, uma vez que as mulheres pontuaram que mesmo os filhos não substituem a falta de um relacionamento afetivo, o que também foi encontrado por Silva (2019).

Conclusão

A hipótese que perseguimos neste artigo é a de que a cor da pele pode influenciar positiva ou negativamente no mercado do afeto. Para tanto, a pesquisa trabalhou com dois grupos de mulheres pretas, sendo o primeiro com diploma universitário e o outro sem diploma universitário.

Por meio de diversos depoimentos, o texto pontuou um conjunto de temas recorrentes nos questionários, sendo o sofrimento na infância e na adolescência, oriundos do racismo, a ausência de casamento, os relacionamentos abusivos, dentre outros temas, os que demonstram que o racismo constitui uma barreira social no mercado do afeto, com a exclusão das mulheres que não se encaixam no padrão estético legítimo.

Portanto, o racismo é a mágica social desse mercado, no sentido de que é um poder invisível, que coloca a cor de pele branca como naturalmente superior à preta, cuja “verdade” torna-se senso comum, ao ser distribuída de forma consciente e inconsciente no mundo social (Bourdieu, 2004). De tão poderoso, o racismo conta com a cumplicidade dos próprios dominados. No caso estudado, essa cumplicidade acontece quando as mulheres aceitam as regras impostas pelos homens, como manter relacionamentos sem compromisso (amantes, ficantes, sexo casual), não por desejo ou por liberdade sexual, mas, ao contrário, como forma de fugir da solidão afetiva que lhes é imposta.

Dialogando com as quatro abordagens catalogadas por nós sobre o amor, a pesquisa mostra que as mulheres pretas não se encaixam nelas: elas querem apenas um amor, não precisa ser romântico, confluyente e muito menos poliamor. Também frisou-se o descontentamento com os relacionamentos líquidos disponíveis para essas mulheres, desnaturalizando que as mulheres pretas procurariam relacionamentos líquidos por serem mais livres sexualmente do que as mulheres brancas.

Nesse momento, o artigo desmistifica a ideia da mulher preta como hipersexualizada, quando aponta o início tardio da vida sexual delas, não por opção, mas por falta de um parceiro. A pesquisa sinaliza que o amor líquido, assim como iniciar a vida sexual como amantes, não é a primeira escolha dessas mulheres. Em diálogo com Angela Davis em “Mulheres, raça e classe” (2016), reafirmamos o desejo das mulheres pretas por casamento e vida doméstica; o que, apesar de quase não ser vivenciado, é desejado.

Os dados da pesquisa de campo mostram que com a ausência de trato científico sobre “o fracasso” afetivo das mulheres pretas, o dito fracasso amoroso passa a ser visto como algo individual, quando deveria ser explicado socialmente. Os discursos sinalizam que o racismo é a mágica social que exclui mulheres pretas do mercado do casamento, sendo que a crença na superioridade

do branco é tão poderosa que transforma em problema individual e de foro íntimo uma questão que só pode ser entendida considerando a escravidão dos povos negros no Brasil.

Para concluir, é importante destacar o interesse e engajamento que nossa pesquisa causou nessas mulheres, que se mostraram disponíveis para serem ouvidas neste tema, considerado tabu. Sobre o contato com o tema racismo/afeto, as mulheres que compõem o grupo com diploma universitário sinalizaram o papel do ambiente universitário na tomada de consciência; e as mulheres sem diploma universitário mencionaram o papel das redes sociais e de algumas *influencers* negras na compreensão de que a solidão individual é também coletiva; e que o seu fracasso afetivo não é um problema de foro íntimo, mas que deve ser explicado pelo racismo, que faz a mágica que as exclui do mercado do amor.

Diante do potencial explicativo que esse espaço empírico pode oferecer para a compreensão do mercado do afeto, pretendemos dar sequência a este estudo, investigando o que dizem as *influencers* negras – citadas no trabalho de campo – no tema da afetividade negra.

Referências

Atlas da Violência 2019. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo

Bauman, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

Bourdieu, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos**, Zouck, São Paulo, 4 edição, 2004.

Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. Perspectiva. 2011.

Berquó, E. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. Campinas: NEPO / UNICAMP, 1987.

Carneiro, Suelaine. **Mulheres negras e violência doméstica: decodificando os números**. São Paulo, Geledés, instituto da mulher negra, 2017.

Davis, Angela. Heci Regina Candiani **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, 1ª edição – 2008.

Fernandes, Eliane Gamas. **A cor do amor: o racismo nas vivências amorosas de mulheres negras**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Núcleo da Saúde, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

Fernandes. Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**, Editora Ática, 1978.

Giddens, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Giacomini, Sônia Maria. Ser escrava no Brasil, **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, nº 15, Rio de Janeiro, 1998, p. 145-170.

Gonzalez, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, 1983, p. 223-244.

Gomes, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: Werneck, J. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Nupcialidade, fecundidade e migração: resultados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf. Acesso em 13 jan. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tabela 3193: pessoas de 10 anos ou mais de idade, por estado civil, segundo o estado conjugal, a situação do domicílio, o sexo, a cor ou raça e os grupos de idade**. 2010a. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3193#notas-tabela>. Acesso em 13 jan. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro. 2020.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2013. **Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil** Disponível em: Sumário estudo Feminicídios - Leila Garcia - Ipea. Acesso em 10 de jan. 2022.

Illouz, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Jardim, Maria Chaves; Moura, Paulo Carvalho. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista TOMO**, 2017.

Jardim, Maria Chaves. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 18 - Nº 43, 2019.

Martuccelli, Danilo. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **As Ciências Sociais e a Procura de Sentido**. Estud. av. 30 (86), 2016.

Mizael, Tâhcita Medrado; Barrozo, Sarah Carolinne Vasconcelos; Hunziker, Maria Helena Lei. A solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, SP, Brasil. **Revista da ABPN**, v. 13, n. 38, 2021, p. 212-239.

Nascimento, Beatriz. A mulher negra e o amor. **Jornal Maioria Falante**. Fevereiro – Março – 1990.

Oliveira, Mariana Barbosa de. **“Solidão afetiva” da mulher negra: Um estudo sobre família, raça e gênero**. 2019. Monografia de final de curso. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

Oliveira, Ilzver de Matos; Santos, Nayara Cristina Santana. Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**. Aracaju, V.7, N.2, 2018, p. 9-20.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. EDUFBA, 2013.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras – um diálogo com o tema. **Afro-Asia**, número 034, 2006.

Petrucelli, José Luiz. Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 1, 2001, p. 29-51.

Pilão, A. C.; Goldenberg, Mirian. Poliamor e Monogamia: Construindo Diferenças e Hierarquias. **Ártemis**, Rio de Janeiro, V. 13, n., janeiro de 2012. Semes-

tral. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/14231/8159> Acesso em 23 jul. 2014.

Pelúcio, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em dispositivos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, jul.-dez, 2017, p. 309-33.

Rossi, Túlio. **Projetando a subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema**. 2013. 326f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.

Raquel, S. Neurociência do amor. **UFJF**, 2021. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lanc/2021/02/04/neurociencia-do-amor/>. Acesso em 16 nov. 2021.

Reik, T. **A psychologist looks at love**. New York: Farrar & Rinehart, 1944.

Sternberg, R. J. Construct validation of a triangular love scale. **European Journal of Social Psychology**, v. 27, 1997, p. 313-335.

Silva, Amanda Raquel da. **A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN**, 2019. 159f. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Silva, Maria Nilza da. Mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II, n. 22, março de 2003. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2010/03/21/a-mulher-negra>. Acesso em jan. 2022.

Souza, Thaís Caetano. **As crenças sobre o amor na telenovela “Espelho da Vida” da Rede Globo: uma análise através da Sociologia Relacional de Pierre Bourdieu**. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Conselho de Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Araraquara, 2021.

Souza, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983.

Vandenbergh, Frederic. Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor. **Ciências Sociais Unisinos**, 42(1), jan/abr 2006, p. 65-71.

Recebido em 10/01/2022

Aceito em 20/05/2022